

Representações de professores homens na Educação Infantil: Reflexões a partir dos filmes *Um Tira no Jardim de Infância*

 Denilson Brito dos Santos¹,  Cássia Ferreira Miranda²

¹ Escola Municipal 21 de Abril – EM21A. Avenida 10 de Janeiro, s/n, Centro. Nazaré-TO, Brasil. ² Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA.

Autor para correspondência/Author for correspondence: denilsonb82@gmail.com

RESUMO. O presente artigo aborda a presença dos homens enquanto docentes na Educação Infantil. O objetivo é analisar quais são as representações construídas acerca dos professores que atuam na Educação Infantil utilizando-se de bibliografia pertinente ao tema e da análise dos filmes *Um Tira no Jardim de Infância* (1990) e *Um Tira no Jardim de Infância 2* (2016). Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, utilizando-se da História Cultural para análise das práticas e representações presentes nas obras analisadas. Constatou-se com este trabalho que a literatura aborda o estranhamento que os professores enfrentam ao assumir a docência de bebês e crianças pequenas. Essa questão está especialmente ligada à estereótipos de gênero, sendo as professoras mais aceitas para trabalhar com as crianças pequenas e bebês. A análise fílmica permite perceber que as representações construídas na ficção se aproximam em grande parte das questões reais vivenciadas cotidianamente por professores brasileiros. Por fim, espera-se que o trabalho possa contribuir para os debates no sentido de compreender a Educação Infantil como espaço de docência também dos homens e desconstruir os preconceitos de gênero vinculados à profissão.

Palavras-chave: educação básica, docência, relações de gênero, análise fílmica.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 8	e15632	10.20873/uft.rbec.e15632	2023	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	--------------------------	------	-----------------



Representations of male teacher in Early Childhood Education: Reflections from the films *Kindergarten Cop*

ABSTRACT. This article addresses the presence of men as teachers in early childhood education. The objective is to analyze what are the representations built about the teachers who work in Early Childhood Education using bibliography pertinent to the theme and the analysis of the films *Kindergarten Cop* (1990) and *Kindergarten Cop 2* (2016). This is qualitative research, using the Cultural History to analyze the practices and representations present in the works analyzed. It was found with this work that the academic literature addresses the estrangement that teachers face when assuming the teaching of babies and young children. This issue is especially linked to gender stereotypes, being women the most accepted teachers to work with young children and babies. The film analysis allows us to realize that the representations built in fiction are close to the real issues experienced daily by Brazilian teachers. Finally, it is hoped that the work can contribute to the debates to understand Early Childhood Education as a teaching space also of men and deconstruct gender prejudices linked to the profession.

Keywords: basic education, teaching, gender relations, film analysis.

Representaciones de profesores varones en Educación Infantil: Reflexiones a partir de las películas *Un policía en el Jardín de Infancia*

RESUMEN. Este artículo aborda la presencia de los hombres como docentes en Educación Infantil. El objetivo es analizar cuáles son las representaciones construidas sobre docentes que actúan en Educación Infantil a partir de bibliografía pertinente al tema y del análisis de las películas *Un Policía en el Jardín de Infancia* (1990) y *Un Policía en el Jardín de Infancia 2* (2016) . Se trata de una investigación cualitativa, utilizando la Historia Cultural para analizar las prácticas y representaciones presentes en las obras analizadas. Se constató con este trabajo que la literatura aborda el extrañamiento que enfrentan los docentes al asumir la enseñanza de bebés y niños pequeños. Este problema está especialmente relacionado con los estereotipos de género, siendo los docentes más aceptados para trabajar con niños pequeños y bebés. El análisis fílmico permite percibir que las representaciones construidas en la ficción son muy cercanas a los problemas reales vividos cotidianamente por los docentes brasileños. Finalmente, se espera que el trabajo pueda contribuir a los debates en el sentido de entender la Educación Infantil como un espacio de enseñanza también para hombres y deconstruir los prejuicios de género vinculados a la profesión.

Palabras clave: educación básica, docencia, relaciones de género, análisis cinematográfico.

Introdução

A Educação Infantil (EI) é uma etapa do ensino de extrema relevância para o processo escolar e o desenvolvimento de várias competências das crianças. É por meio dela que se inicia um processo educativo que perdura por anos da infância e adolescência, culminando no Ensino Médio. Nessa etapa, a criança experimenta e desenvolve a coordenação, os laços afetivos, as relações interpessoais, a autonomia, o conhecimento do certo e errado etc.

O que é notável nessa etapa de ensino é que existe uma grande predominância das mulheres na atuação docente, e que mesmo que os homens estejam habilitados a atuar nessa etapa preferem ou são condicionados a não o fazer, escolhendo atuar na gestão ou em etapas de ensino posteriores. (INEP, 2009).

Todavia, pensando que esse é um “tabu a ser quebrado” socialmente, é importante destacar a importância de aceitar e encarar a EI também como um espaço de importante atuação dos homens enquanto docentes. Desconstruindo preconceitos e desentrelaçando a atuação docente na Educação Infantil I a impossibilidades e barreiras relacionadas às questões de gênero.

Entender como acontece a entrada e permanência dos homens enquanto docentes na EI foi uma curiosidade que teve início durante minha graduação em Pedagogia, na Universidade Federal do Tocantins, campus de Tocantinópolis. Durante o estágio, me deparei com sinais de que a presença de homens naquele espaço era encarada como algo muito peculiar, me deparei com olhares, perguntas e algumas atitudes de estranhamento e curiosidade. Essas impressões foram as que me levaram à escolha do tema para este Trabalho de Conclusão (TCC), do Curso de Especialização em Educação Infantil, da Universidade Federal do Norte do Tocantins.

A partir do recorte temático, e devido ao fato de gostar de pensar e debater a respeito das Artes, optei por realizar uma análise de obras de ficção, buscando nas representações presentes nas narrativas fílmicas refletir a respeito das representações construídas sobre professores homens atuando na EI.

Para tal, esta pesquisa propõe uma análise fílmica de duas obras que trazem como pano de fundo a presença de professores homens na EI. Os filmes *Um Tira no Jardim de Infância* (1990) e *Um Tira no Jardim de Infância 2* (2016) abordam a necessidade de dois policiais ingressarem na carreira docente sob disfarce para solucionar crimes. A presença deles junto às

escolas e às crianças são demonstradas pelas personagens de distintas maneiras que permitem analisar, a partir da ficção, as representações que a presença de um homem pode suscitar nessa etapa da educação básica.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, utilizando-se da análise bibliográfica e fílmica, se apoiando da História Cultural para compreender os diferentes significados e representações sobre a temática trabalhada presentes nos dois filmes analisados (Barros, 2005; Chartier, 1990).

Para tal, esta pesquisa se desenvolve a partir dos seguintes questionamentos: Em que contexto os homens que atuam como professores com crianças pequenas são retratados nos filmes? Que tipo de situações são provocadas nos filmes a partir das suas presenças nas escolas? Nas mais de duas décadas entre um filme e outro, há algum indício de que as concepções acerca das interpretações de gênero dos docentes tenham mudado? Há conexão entre as representações retratadas nos filmes e o que nos apresenta a literatura sobre a presença e permanência dos homens enquanto docentes na EI?

Para debates acerca desses questionamentos, este artigo está dividido em cinco seções. A primeira traz a *Introdução*, seguida da segunda intitulada *Reflexões a respeito da Educação Infantil*, trazendo alguns apontamentos sobre essa área da Educação Básica; a terceira nomeada *A presença dos professores na Educação Infantil*, apresenta as reflexões baseadas em pesquisas que abordam os professores na EI; a quarta seção, *As representações dos professores nos filmes Um Tira no Jardim de Infância*, abarca as interpretações a respeito da forma como as personagens são apresentadas nas obras fílmicas examinadas; finalizando com as *Considerações Finais*.

Reflexões a respeito da Educação Infantil

A infância é a etapa onde se iniciam diversas construções, de identidade, de afetividade, da visão do mundo/sociedade, do conhecimento do corpo etc. Nesse contexto, há aspectos muito importantes para o desenvolvimento das crianças, como a brincadeira, o acompanhamento, o acesso à informação e ao conhecimento, a socialização. A partir da socialização, as crianças vão compreendendo e se entendendo como partes de uma coletividade com diferentes formas de sociabilidade, conhecendo suas possibilidades e limites e desenvolvendo suas personalidades e identidades. (Brasil, 2017; Brasil, 1998).

Por meio da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 (Brasil, 1996), as crianças de 0 a 6 anos tem assegurado seu direito a ingressar em creches e pré-escolas, sendo essas partes integrantes da Educação Básica. Esses são espaços de muita importância para o desenvolvimento pessoal e educacional das crianças e bebês, tornando-se sua oferta um dever do Estado:

Com a Constituição Federal de 1988, o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a 6 anos de idade torna-se dever do Estado. Posteriormente, com a promulgação da LDB, em 1996, a Educação Infantil passa a ser parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. E a partir da modificação introduzida na LDB em 2006, que antecipou o acesso ao Ensino Fundamental para os 6 anos de idade, a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de zero a 5 anos. (Brasil, 2017, p. 35).

Com isso, a EI tem sua importância assegurada legalmente passando a ser a primeira etapa da Educação Básica, iniciando a experiência da criança enquanto discente, oportunizando um convívio social amplo e diferente do convívio familiar, desenvolvendo questões sociais, intelectuais, educacionais e psicológicas em sua convivência com seus pares e professoras e professores.

Sendo a primeira etapa da educação básica, a EI trabalha com crianças de zero a cinco anos de idade e se divide em creche e pré-escola. Na creche estão as crianças que têm de zero a três anos, distribuídas em classes denominadas maternal. As crianças maiores de três anos vão para a pré-escola e são divididas em Jardim I, com quatro anos de idade, e o Jardim II, com as crianças de cinco anos de idade.

Sendo fundamental para o desenvolvimento dos sujeitos nos primeiros anos de vida, a Educação Infantil deve trabalhar elementos que possibilitem a construção das identidades/personalidades, a inserção social e o desenvolvimento físico e psíquico, promovendo a ética, a cidadania e a socialização. Esses elementos são de grande relevância para um futuro cidadão ativo socialmente e feliz.

A presença dos professores na Educação Infantil

No que tange aos debates vinculados às questões de gênero, as sociedades historicamente atribuem "papéis sociais" aos indivíduos baseando-se, em linhas gerais, nas diferenças biológicas entre os sujeitos. Essas representações são construções culturais que variam de sociedade a sociedade e entre os tempos históricos, buscando enquadrar as pessoas

que não se encaixam nos padrões de normatividades impostos. Essas interpretações e debates, conforme ressalta Joan Scott (1989, p. 7) pertencem ao campo de estudos de gênero:

Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. Apesar do fato dos(as) pesquisadores(as) reconhecerem as relações entre o sexo e (o que os sociólogos da família chamaram) “os papéis sexuais”, estes(as) não colocam entre os dois uma relação simples ou direta. O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.

Esse sistema de relações condicionado pelas formas de comportamento esperadas de determinados gêneros vem oprimindo especialmente as mulheres por muitos anos. Oprimidas e a margem da sociedade de direitos, as mulheres ficavam restritas à esfera do lar, ao privado, tendo suas existências diretamente atreladas às existências dos homens. Antes da ascensão dos movimentos feministas, e de uma série de conquistas por parte das mulheres, o espaço relegado a elas era o privado, o trabalho com os cuidados do lar e da família. De acordo com Sousa e Guedes (2016, p. 01),

A divisão do trabalho que se estabeleceu entre os sexos atribuiu o cuidado do lar para a mulher, função, quando não invisível, tida como de pouco valor social. Enquanto a produção material foi atribuída aos homens, tarefa considerada de prestígio e que confere poder dentro da sociedade.

Essa divisão social do trabalho que sempre colocou as mulheres em situação de dependência e opressão, no que se refere a participação dos professores homens na EI, exerce o sentido inverso, ao utilizar a argumentação também pertencente a área dos “papéis de gênero” para deslegitimar os trabalhos dos homens com as crianças pequenas e bebês.

O que é notável na EI, é que existe uma grande predominância feminina na atuação docente. Segundo dados do Censo da Educação Básica de 2020 (Brasil, 2021), a Educação Infantil no Brasil é composta por 593 mil docentes, mas que deste montante apenas 3,6% são do sexo masculino, ou, mais precisamente 21.348 mil. Já as docentes do sexo feminino somam 571.652 mil, chegando aos 96,4% do total. No entanto, no Ensino Fundamental (EF), o número de docente do sexo masculino aumenta, sendo 12% para o EF I e 33% para o EF II. Sendo que no Ensino Médio (EM), o percentual de professores homens chega a 42%.

Ao observarmos por meio da literatura, o perfil docente presente na Educação como um todo há pouco mais de um século atrás, era, predominantemente, composto por homens. Como destaca Moro e Baldez (2021, p. 23),

No século XIX, por exemplo, ser professor ou mestre na escola elementar era função de homem. As primeiras Escolas Normais começaram a ser criadas no país a partir de 1830 e seus bancos eram destinados inicialmente a alunos do sexo masculino, situação esta que foi se modificando nas províncias, a partir da década de 1870, com acesso às moças.

Entretanto, quando falamos da Educação Infantil, observamos que, também no século XIX, quando se materializaram as primeiras instituições brasileiras que abrangiam essa etapa de ensino, já havia uma predominância das mulheres enquanto professoras. Esse fato é associado à função de cuidar, de zelar pela criança. A educação de crianças pequenas era (é) fortemente relacionada à ação materna (Moro & Baldez, 2021).

Do século XIX aos dias atuais, aconteceram diversas alterações no que tange às instituições que cuidam e educam as crianças pequenas e os bebês a partir do surgimento das creches e pré-escolas. Entretanto, o que podemos constatar não se alterar é a vinculação da função docente nessa etapa às mulheres. E, ainda, a presença constantemente majoritária das mulheres nessa etapa de ensino naturalizada pela dimensão cultural, acabou por reforçar que esse espaço é destinado às mulheres (Moro & Baldez, 2021; Louro, 2001).

Portanto, quando tratamos de crianças pequenas e bebês, como na EI, etapas da Educação Básica muito ligadas ao cuidar, já se identificam como tarefas prioritariamente femininas por termos essas tarefas como fundamentalmente destinadas às mulheres no âmbito social e cultural (Santos, 2020; Sayão, 2005).

A presença do homem na EI, portanto, produz um grande estranhamento e incômodo e enfrenta a dificuldade de inserção em um espaço culturalmente destinado às mulheres. Logo, sua chegada na docência inclui a aceitação e os desafios de provar ao coletivo de que se têm capacidade para atuar nessa etapa (de seu direito, inclusive pela formação acadêmica) e ainda mais, de que não apresenta riscos às crianças ali presentes (Ramos, 2011). Sendo que sua capacidade e confiabilidade entram em risco perante a visão daqueles que o cercam, restringida pelas representações de gênero, de masculinidades (Santos, 2020).

Ramos (2011, p. 61), em sua pesquisa, com o intuito de entender a presença dos homens na EI, observou que os mesmos

vivenciam uma espécie de período comprobatório antes de serem, efetivamente, aceitos como integrantes das equipes de profissionais que cuidam de crianças pequenas e as educam. Tal constatação extrapola a exigência do cumprimento do estágio probatório, de 730 dias, previsto no art. 30 do Estatuto dos Servidores Públicos do Município como condição para estabilidade no serviço público. Para serem aceitos pela comunidade escolar, os professores do sexo masculino passam pelo crivo e pela vigilância dos adultos, especialmente quando a função no interior da instituição infantil exige a execução das funções relacionadas ao cuidado das crianças.

Ramos (2011), destaca que a presença dos professores na EI é marcada por um processo inicial de provação em que eles têm que se mostrar íntegros e capazes de serem “aceitos” naquela função e espaço. Fato que geralmente não ocorre com as professoras. O autor destaca que o homem é visto como um potencial agressor, dada às representações construídas culturalmente do masculino. Sendo para os atuantes nas escolas e a família um risco possível o eventual abuso sexual das crianças, assim como pode acontecer no interior das próprias famílias (Ramos, 2011).

Nesse sentido, vale destacar (repudiando-o) o Projeto de Lei nº 1174 /2019-SP (São Paulo, 2019). O que propõe o projeto é a exclusividade a profissionais mulheres a exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na EI, o que demonstra o quão grande é a necessidade que temos de, culturalmente, desconstruirmos o pré-conceito e a discriminação que, ainda assolam os docentes, principalmente na etapa da EI.

O homem lidando com tarefas de cuidado, principalmente corporais, de crianças e bebês provoca conflitos, dúvidas e pensamentos/ações preconceituosas:

É indubitável a crença disseminada de um homem sexuado, ativo, perverso e que deve ficar distante do corpo das crianças. Em contrapartida, há formas explícitas de conceber as mulheres como assexuadas e puras e, portanto, ideais para este tipo de trabalho (Sayão, 2005, p. 16).

Ainda, segundo Santos (2020), a desconfiança que ocorre com o homem atuando profissionalmente na EI, não é necessariamente originada pela sua presença diminuta, sendo que estes nunca estiveram totalmente ausentes desse contexto, mas sim pelo fato de estarem, no mesmo contexto, sempre às margens das ações de cuidar e educar. Em funções na zeladoria, portaria, vigilância e diretoria.

Outro debate igualmente pulsante quanto ao professor atuante na etapa da EI, é a associação que se faz dos docentes à homossexualidade. Isso se dá pelo fato de ser a EI um espaço pertencente culturalmente ao feminino, ou seja, “coisa de mulher”. A possível

homossexualidade dos professores também é erroneamente transformada em potencial risco as crianças:

Há aqui, uma forte tendência de associar o professor homem, de modo geral, à iminência de ameaça à integridade da criança e, no que concerne aos docentes que assumem a homossexualidade, a noção de péssima referência, especialmente, para os meninos. No senso comum, há ideias que retroalimentam e dão forma à homofobia: a primeira delas é a de que a homossexualidade pode ser “transmitida” às crianças pelo contato com os professores homens. (Moro & Baldez, 2021, p. 70).

Considerando todas essas questões, o período comprobatório destacado por Ramos (2011) também abrange uma vigilância sobre qual a capacidade de atuar como docente na EI que se alicerça nos pilares do cuidar e educar. Esse primeiro, quase que exclusivamente ligado a uma função da mulher, na dimensão cultural.

Foi possível observar também que todos esses sujeitos, sem exceção, passaram pelo crivo das demais profissionais das instituições – ênfase, todas do sexo feminino – e pelo olhar vigilante e avaliativo das famílias das crianças. Eles necessitaram de um período para comprovar as habilidades e capacidades para o exercício da docência de crianças pequenas, especialmente com as crianças de zero a três anos de idade e, mais do que com os meninos, esses professores precisaram comprovar que estavam aptos para o exercício das ações rotineiras relacionadas aos cuidados corporais com as crianças do sexo feminino (Ramos, 2011, p. 32).

Como já abordado, os debates que permeiam as concepções e estereótipos vinculados à presença/ausência de professores homens na Educação Infantil, se centralizam nas concepções socialmente e culturalmente construídas a respeito dos gêneros. Quanto às questões de gênero, Louro (1997) pontua que:

... ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim com a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros (Louro, 1997, p. 25).

Ou seja, de acordo com o conceito de gênero, entender os indivíduos e as práticas sociais por eles desenvolvidas é compreender algo construído que os induz a agirem daquela forma. As instituições e práticas sociais são construtoras dos sujeitos como eles são, e pelos mesmos são produzidas e reproduzidas.

Entretanto, Louro (1997) retrata ser importante entendermos gênero como parte da identidade dos sujeitos, mas também explica que os sujeitos possuem identidades variadas e não somente uma, podendo estas ter caráter transitório, pois com o passar dos tempos podem vir a se modificarem. Sendo assim, muitos comportamentos tidos de maneira estereotipada como “de homens” ou “de mulheres” são concepções mutáveis acerca dos diferentes comportamentos, sendo socialmente construídos, e constantemente passíveis de mudanças. Tensionar essas construções sociais preconceituosas e excludentes é uma tarefa urgente e responsabilidade de todas as pessoas.

As representações dos professores nos filmes *Um Tira no Jardim de Infância*

Conforme exposto, a presença dos professores na EI costuma causar desconforto e/ou estranhamento, provocando uma série de debates. Nas representações fílmicas aqui analisadas ocorrem de maneira semelhante, com algumas especificidades que se afastam para colaborar com a trama narrativa das histórias contadas nos filmes.

Uma análise fílmica permite perceber diferentes concepções a respeito das histórias narradas, que dialogam diretamente com as visões de mundo de seus autores, roteiristas, atores e atrizes, entre outras pessoas envolvidas. Mesmo as narrativas de cunho fantástico são férteis em permitir compreender as variadas formas de conceber possibilidades de existências e compreensões em determinada sociedade e em determinado tempo histórico. Nesse sentido, Vanoye e Goliot-Lété (1994, p. 55) destacam:

A hipótese diretriz de uma interpretação sócio-histórica é de que um filme sempre ‘fala’ do presente (ou sempre “diz” algo do presente, do aqui e do agora de seu contexto de produção). O fato de ser um filme histórico ou de ficção científica nada muda no caso.

A História Cultural pode contribuir muito com esses olhares, na medida em que busca identificar as práticas e representações presentes nas narrativas e nos acontecimentos, permitindo importantes interpretações:

As noções que se acoplam mais habitualmente à de “cultura” para constituir um universo de abrangência da História Cultural são as de “linguagem” (ou comunicação), “representações”, e de “práticas” (práticas culturais, realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as “práticas discursivas” como as práticas não-discursivas). (Barros, 2005, p. 129).

Buscando possibilidades de práticas discursivas fílmicas relacionadas à temática aqui abordada, foram escolhidas duas obras, ambas gravadas nos Estados Unidos da América, que trazem a inserção da presença dos homens na EI. Sendo obras estadunidenses, com atores populares, de classificação livre para todos os públicos, é possível apreender que as concepções trazidas nos filmes são mais direcionadas a uma narrativa leve e divertida, com vistas a sua propagação e comercialização em massa. Nesse sentido, é possível alegar que a intenção dos filmes, não é se aprofundar nas complexas tramas de interpretações que a docência dos professores homens instiga nessa etapa de ensino, mas utilizar o estranhamento possível como provocação ao entretenimento.

O primeiro filme analisado foi *Um tira no jardim de infância (Kindergarten Cop)*, de 1990, dirigido por Ivan Reitman. Nesse filme, Arnold Schwarzenegger interpreta o Detetive John Kimble que, juntamente com a Detetive Phoebe O'Hara, perseguem um conhecido traficante de drogas. O bandido está atrás de sua ex-esposa e seu filho que fugiram dele há mais de um ano. O detetive passa a dar aulas no jardim de infância para crianças de seis anos, tentando descobrir qual das crianças é o filho do traficante no intuito de proteger ele e sua mãe.

Já o segundo filme, *Um tira no jardim de infância 2 (Kindergarten Cop 2)*, de 2016, dirigido por Don Michael Pail. O filme é protagonizado pelo ator Dolph Lundgren que atua no papel do Agente Reed, o policial que junto com seu colega Agente Sanders, interpretado por Bill Bellamy, investigam o paradeiro de um *pendrive* perdido que pertencia ao Programa Federal de Proteção à Testemunha dos Estados Unidos. Essa evidência acaba indo parar na sala do jardim de infância, levando o protagonista a trabalhar disfarçado para resolver o caso.

Passando a analisar a introdução dos professores ao Jardim de Infância, representada nos filmes, percebemos que essas se dão de maneiras semelhantes em ambos, por uma necessidade policial. Ou seja, a inserção do homem nessa etapa de ensino é representada como entrelaçada a homens que exercem outras funções dita, culturalmente, “de homem”, mas que por motivos especiais foram levados a inserirem-se em um espaço destinado à educação de crianças pequenas.

A entrada e permanência diminuída dos homens na EI pode ser dar por se caracterizar um espaço de presença majoritária das mulheres, o que acaba por causar receio por parte dos homens em serem discriminados e/ou sofrerem de preconceito daqueles que frequentam o espaço escolar. Esse receio acaba por influenciar na escolha da profissão dos homens,

especialmente para aqueles que se interessam pela docência na EI, mas ficam receosos de atuar nessa etapa com medo do que precisarão enfrentar.

De acordo com Santos (2020), a escolha da docência na Educação Infantil por homens, é, principalmente, realizada por influência de parentes próximos, sendo estes, na maior parte, mulheres. Ou após um grande e variado percurso profissional.

Entretanto, relacionando com o que aborda Ramos (2011), ao constatar que há uma quantidade relativamente pequena, mas significativa de homens atuando enquanto docentes na EI na rede municipal de Belo Horizonte, esse fato se vincula a recente consolidação dessa etapa de ensino, tornando-se um cargo efetivo específico da rede pública gerando um maior interesse dos homens.

Embora pequena, essa mudança demonstra um passo importante não só para a inserção do professor na EI, mas também para o desenvolvimento dessa etapa de ensino tão importante socialmente. Ainda, Santos (2020) destaca que essa progressiva entrada dos homens na docência na EI tende a produzir novas representações culturais de masculinidades.

No decorrer dos filmes podemos constatar as diferenças nas representações dos homens enquanto docentes no Jardim de Infância, em sua presença e permanência. O primeiro filme, datado de 1990, apresenta mais proximidade no que diz respeito aos desafios aqui apresentados, enfrentados pelos docentes homens na etapa de ensino EI. Já o segundo filme traz um roteiro mais sensível e acolhedor da presença do homem nesse espaço. Ainda assim, em ambos os filmes vemos a surpresa das personagens atuantes na escola com a presença de um docente homem na etapa de ensino Jardim de Infância, referindo-se como algo “incomum”.

Na primeira versão do filme é observável que a diretora da escola em que se passa os fatos preocupa-se e duvida da capacidade do homem que assume a sala de aula do Jardim de Infância, mesmo ele afirmando que tem experiência como professor (comprovada a partir de currículo falso, de seu disfarce). Mesmo com essa comprovação, a diretora alerta que “estará de olho” nele durante sua estadia na escola. Essa postura está de acordo com o apontado por Ramos (2011, p. 113) e, seu caso de estudo:

Conclui-se, assim, a partir das análises das discussões realizadas com os diferentes grupos que há, efetivamente, dois tempos diferenciados para a incorporação dos professores homens na educação infantil: o período probatório e o outro comprobatório. O segundo, somente é cumprido quando esses professores conseguem “provar” que possuem capacidade, habilidade e competência para educar e cuidar de crianças pequenas e que não representam ameaças, nem são capazes de cometer abusos de qualquer natureza contra as mesmas.

O período comprobatório em que enfrenta a personagem docente homem no filme somente é ultrapassado quando as metodologias que ele apresenta para o controle da turma e o ensino se mostram eficazes e convencem a diretora. Porém, durante esse decorrer, a diretora, em diálogo com uma funcionária da escola, diz em tom irônico que “mais duas semanas disso [sala de aula] e ele desiste”. Ela demonstra nessa fala que acredita que o mesmo não teria a capacidade de contornar situações normais de sala, pois não seria adequado para isso.

Essa postura vai ao encontro de toda argumentação identificada na bibliografia a respeito da temática quando destacam que os homens têm sua legitimidade e lugar questionados ao tentar atuar na Educação Infantil. Segundo Santos (2020, p. 66), isso se dá “por se tratar de uma profissão cuja função social pressupõe a seleção de competências comumente associadas ao feminino e que se vinculam às esferas da produção e da reprodução da vida: o cuidado e a educação de bebês e crianças pequenas” (Santos, 2020, p. 66).

Além da reação de desconforto e desafio das funcionárias da escola, o filme também aborda o estranhamento das mães dos alunos e alunas da turma do Jardim. Em um dos diálogos, trazidos no filme de 1990, as mães de alunos do novo professor, ao conversarem em frente à escola, desenvolvem o seguinte diálogo:

Mãe 1: Ele é *gay*! Que tipo de homem leciona no Jardim de Infância? Só pode ser *gay*.
Mãe 2: É, eu também não estou acostumada com homem lecionando no Jardim.

Os desafios enfrentados pelos professores na presença e permanência na EI, já destacados anteriormente, carregam essa dimensão discriminatória, em algumas de suas vertentes, como o compreender como “menos homem” (Santos, 2020, p. 70).

Monteiro e Altmann (2014, p. 732) afirmam que

O fato de optarem por uma profissão exercida predominantemente por mulheres, iniciando pelo curso de formação e, posteriormente, ingressando na carreira docente, distanciou os professores da noção de masculinidade hegemônica, conceito que se aproxima da noção de virilidade; e está associado à heteronormatividade como padrão.

O simples fato de o homem escolher exercer uma função culturalmente atribuída às mulheres é suficiente para que o vejam ou entendam como homossexual, sem ao menos conhecê-los (Ramos, 2011; Santos, 2020).

No filme, as mães que desenvolvem o diálogo acima e outras mães veem o homem, interpretado por Arnold Schwarzenegger, de porte alto e forte, e alegava que ele devia ser *gay* passam a demonstrar interesse por ele e associar a possibilidade de sua competência nos cuidados das crianças com atributos interessantes em um possível parceiro.

Conforme salienta Santos (2020), a atração que por vezes se estabelece, relacionada aos professores homens, se mostra não apenas física, mas também pelas capacidades do docente de cuidar e educar as crianças, que acabam por torná-lo uma figura exótica, incluído em um ambiente que é, culturalmente, ligado à mulher (Santos, 2020).

O segundo filme, de 2016, traz uma visão mais consciente e adequada da presença e permanência do docente homem no Jardim de Infância. Não apresentando questionamentos quanto às capacidades e orientação sexual. Apenas apresenta uma fala de uma colega professora quanto a ser, “hoje, raro encontrar um homem interessado em criança nessa idade”.

Esse filme parece transmitir e tentar construir uma nova imagem da presença dos homens enquanto professores no Jardim de Infância/Educação Infantil. A distância de 26 anos entre um filme e o outro, e as mudanças sociais e culturais que vêm sendo desenvolvidas na área, podem ter contribuído para desconstruir a exclusividade de mulheres na docência de crianças pequenas e bebês, construída por aspectos culturais, de gênero, e estereótipos. Como aborda Vanoye e Goliot-Lété (1994, p. 56),

... o filme opera escolhas, organiza elementos entre si, decupa no real e no imaginário, constrói um mundo possível que mantém relações complexas com o mundo real: pode ser em parte seu reflexo, mas também pode ser sua recusa (ocultando aspectos importantes do mundo real, idealizando, amplificando certos defeitos, propondo um "contramundo" etc.). Reflexo ou recusa, o filme constitui um ponto de vista sobre este ou aquele aspecto do mundo que lhe é contemporâneo.

Sendo assim, o filme ganha uma função de conscientizar, de propor algo melhor do que é visto na realidade, neste caso, naturalizando o homem como docente no Jardim de Infância, etapa pertencente à Educação Infantil. Juntamente como o filme, a sociedade deve entender que precisamos que todos nós “estejamos imbuídos/as do desejo de mudança e nos reconheçamos como sujeitos implicados em processos de transformação social, em especial, aqueles referentes à construção, desconstrução e reconstrução das relações sociais de gênero” (Santos, 2020, p. 78).

Comparando os filmes com a bibliografia analisada percebemos que parte do que é retratado na bibliografia a respeito da temática também pode ser percebida nessas obras de

ficção. O estranhamento quanto à presença do docente homem no Jardim de Infância/EI, a discriminação enquanto a orientação sexual, a suspeita quanto a falta de capacidades de cuidar e educar, todas estão presentes tanto na literatura, quanto nos filmes, principalmente na primeira versão, de 1990.

Contudo, a discriminação por vincular à agressividade e ao descontrole sexual, esse último ligado à possibilidade de abuso sexual das crianças, tanto discutido nos textos analisados, não aparecem nos filmes. Esse fato possivelmente se dá devido aos objetivos dos filmes que, como já apontados, foram feitos direcionados ao grande público para serem obras para serem assistidas por toda a família, de descontração e entretenimento, não propondo se aprofundar ou complexificar a presença dos professores homens no Jardim de Infância.

Considerações finais

Neste trabalho foram abordadas as representações construídas a partir da presença de professores homens na Educação Infantil. Para tal, foram analisadas as representações artísticas da presença e a permanência dos docentes homens na Educação infantil, por meio da análise fílmica da sequência *Um Tira no Jardim de Infância* (1990) e *Um Tira no Jardim de Infância 2* (2016).

A motivação em pesquisar esse tema surgiu durante o estágio da graduação, onde, nas instituições em que estive estagiando e que ofereciam a Educação Infantil, não havia docentes homens nessa etapa de ensino, o que me instigou bastante. Durante o estágio me deparei com sinais de que a presença dos homens naquele espaço era encarada como algo muito peculiar, os olhares, as perguntas e algumas atitudes foram o que me levaram a escolha deste tema. Assim, pelo fato de entender os filmes como possibilidades de análise das representações da realidade, com elementos característicos de um contexto social, cultural e histórico específico, decidi analisar filmes que retratam o homem na função de docente de crianças pequenas e bebês.

Os questionamentos que inspiraram este trabalho se mostraram respondidos a medida em que a análise dos filmes destaca o que muito a literatura aborda sobre o estranhamento e discriminação que o homem sofre ao assumir a docência de crianças pequenas e bebês. Isso se dá especialmente pelo fato de a Educação Infantil culturalmente estar ligada às noções de maternidade e de cuidado, e essas serem muito vinculadas a figura das mulheres. Essas

interpretações também podem justificar a presença das mulheres como majoritária nessa etapa de ensino e o desconforto que muitos professores homens sentem quando tentam atuar nessa importante etapa da Educação Básica.

Quando adentra a EI, o homem se depara com o estranhamento por partes dos colegas, das pessoas responsáveis pelas crianças e de todas que o cercam, pois são vistos como “exóticos”. Assim, esse estranhamento se transforma em dúvida em relação a suas capacidades como docentes e, muitas vezes, discriminação quanto a sua orientação sexual, e a possibilidade de existência de uma agressividade ou descontrole sexual.

O debate dessa temática é de grande importância socialmente. Precisamos compreender a EI também como espaço do docente homem e desconstruir os estereótipos de gênero que há bastante tempo estão enraizados em nossa sociedade. A Especialização em que se elabora este trabalho é um dos espaços em que a presença deste debate deve acontecer mais fortemente, pois é neste espaço em que pode ser construída e desconstruída a imagem do que é a Educação Infantil, para aqueles que integram ou irão integrar o curso. Sendo esses os futuros responsáveis em apresentar à sociedade um aspecto importante sobre como essa etapa da Educação Básica deve ser compreendida e quais os agentes que podem atuar nela.

Nesse sentido, pensando que o estranhamento e a discriminação quanto à presença do docente homem na EI é um “tabu a ser quebrado” socialmente e culturalmente, é importante destacar a importância de aceitar e encarar a EI também como um espaço de relevante atuação dos docentes homens. Desconstruindo preconceitos e desentrelaçando a atuação docente na EI a concepções estereotipadas de gênero.

As discussões aqui desenvolvidas não se esgotam neste trabalho, mas propõem e tencionam o desenvolvimento de novos trabalhos abordando a complexa discussão de gênero que permeia o ingresso e a permanência dos professores na Educação Infantil. Quanto mais se pesquisar e debater a respeito, maiores serão as chances de se mudar a realidade que até então se apresenta.

Referências

Barros, J. A. (2005). A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, 9(1), 125-141.

Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República.

- Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número n. 9394.
- Brasil. (1998). *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF.
- Brasil. (2017). *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da educação. Recuperado em 06 de abril de 2022, de http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf.
- Brasil. (2021). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Básica 2020: resumo técnico*. Brasília, DF: INEP.
- Chartier, R. (1990). *A História Cultural: entre práticas e representações*, Lisboa: DIFEL.
- INEP. (2009). *Estudo exploratório sobre o professor brasileiro: Com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. MEC. Brasília.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Monteiro, M. K., & Altmann, H. (2014). Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. *Cadernos de Pesquisa* [online]., 44(153), 720-741. <https://doi.org/10.1590/198053142824>
- Moro, C., & Baldez, E. (2020). “E onde vês, eu não vislumbro razão” - homens, infância e educação infantil em Interlocação. In Moro, C., & Baldez, E. (Orgs.). *EnLacES no debate sobre Infância e Educação Infantil* (s.p/). Curitiba: NEPIE/UFPR.
- Ramos, J. (2011) *Um estudo sobre os professores homens da Educação Infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – MG* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Santos, S. V. (2020) A estranha presença de professores homens na educação infantil. Considerações sobre o masculino em creches e pré-escolas. In Moro, C., & Baldez, E. (Orgs.). *EnLacES no debate sobre Infância e Educação Infantil* (s.p/). Curitiba: NEPIE/UFPR.
- São Paulo (2019). *Projeto de Lei nº 1174/2019, de 16 de outubro de 2019* (2019). Confere a profissionais do sexo feminino exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação Infantil. São Paulo, Câmara dos Deputados. Recuperado de: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000292074>
- Sayão, D. T. (2005). *Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: Um estudo de professores em creche* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Scott, J. (1989). *Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica*. Tradução Christine Rufino e Dabat Maria Betânia Ávila.

Sousa, L. P., & Guedes, D. R. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 30(87), 123-139. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.30870008>

Vanoye, F., & Goliot-Lété, A. (2008). *Ensaio sobre a análise fílmica*. 5 ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 31/01/2023
Aprovado em: 22/03/2023
Publicado em: 30/05/2023

Received on January 31th, 2023
Accepted on March 22th, 2023
Published on May, 30th, 2023

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Santos, D. B., & Miranda, C. F. (2023). Representações de professores homens na Educação Infantil: Reflexões a partir dos filmes Um Tira no Jardim de Infância. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 8, exxxxx. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e15632>

ABNT

SANTOS, D. B.; MIRANDA, C. F. Representações de professores homens na Educação Infantil: Reflexões a partir dos filmes Um Tira no Jardim de Infância. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 8, exxxxxx, 2023. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e15632>